UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS

FLÁVIA SOUZA CHAGAS

***PESSOA PAGA PARA MATAR*:**
UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE DO BRASIL

SÃO LUÍS
2019

FLÁVIA SOUZA CHAGAS

***PESSOA PAGA PARA MATAR*:**
UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE DO BRASIL

Monografia apresentada ao Curso de Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

SÃO LUÍS
2019

CHAGAS, Flávia Souza.
PESSOA PAGA PARA MATAR: : UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE DO BRASIL / Flávia Souza CHAGAS. - 2019.
52 f.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.
Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Espanhol, Universidade Federal do Maranhão, SAO LUIS, 2019.

1. ALiB. 2. Assassino pago. 3. Geolinguística. 4. Variação lexical. I. Oliveira Santos, Georgiana Márcia. II. Título.

FLÁVIA SOUZA CHAGAS

***PESSOA PAGA PARA MATAR*:**
UM ESTUDO GEOLINGUÍSTICO DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS CAPITAIS DO NORDESTE DO BRASIL

Monografia apresentada ao Curso de Letras, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Aprovada em 19/07/2019

Nota 9,83 (nove inteiros e oitenta e três centésimos)

Banca Examinadora

Georgiana Márcia Oliveira Santos

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos – Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Conceição de Maria de Araújo Ramos

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araújo Ramos – Examinadora 1
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra – Examinador 2
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho ao meu pai, Carlos Chagas, à minha mãe, Margarida, à minha irmã, Carla Daniele, e ao meu noivo, Evandro Rodrigues, pilares que me sustentaram durante a graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, de todo o meu coração, pela oportunidade de realizar o meu sonho, por ter me dado saúde e força para enfrentar essa árdua caminhada. Aos meus anjos da guarda e à Nossa Senhora do Desterro, pelas interseções e bênçãos.

Aos meus pais, Carlos e Margarida, que são os amores da minha vida e que durante toda a minha trajetória na graduação me incentivaram de maneira significativa. Foram eles o motivo de não desistir das árduas batalhas que enfrentei durante a graduação, eles são as minhas fontes de inspiração.

À minha irmã, Carla Daniele, que é um amor de pessoa, que sempre me apoiou, me incentivou e esteve ao meu lado me ajudando com suas dicas infalíveis.

Ao meu noivo, Evandro Rodrigues, pelo seu companheirismo, por sempre estar ao meu lado me apoiando, me incentivando, me estimulando e acreditando em mim. Só tenho que lhe agradecer, meu amor, pois você foi de muita importância durante toda a minha vida acadêmica.

À minha prima-irmã do coração, Káritas Andréia, pelos conselhos e orientações que foram de fundamental importância para os meus estudos e formação da minha personalidade.

A Débora Evelyn, minha afilhada, por todo carinho e torcida.

À minha orientadora, Georgiana Santos, por ter aceitado ser minha orientadora. A cada dia tenho a certeza de que foi Deus quem colocou esse anjo repleto de luz em meu caminho. Muito obrigada, professora, pela orientação, dedicação, confiança e paciência.

Aos meus familiares, tanto os da família Souza como os da família Chagas, que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desse meu sonho.

A Geísa, Hanah e Thájara, três anjos maravilhosos com que a UFMA me presenteou. Meninas, vocês foram imprescindíveis para a conquista deste sonho. Muito obrigada pelo companheirismo, ajuda, apoio, incentivo, paciência e torcida. Vocês foram essenciais durante minha trajetória na universidade.

E a todos os que contribuíram, direta e/ou indiretamente, com a minha caminhada acadêmica.

Toda ciência, todo método científico, aspira ao universal, isto é, procura enunciados válidos para qualquer situação, circunstância, momento ou área. A Dialetologia não foge a essa ambição. Mas fazendo da distribuição espacial dos fatos linguísticos num momento dado (sincrônica, portanto) seu objetivo primeiro e matéria prima da interpretação histórica (logo, diacrônica) das áreas assim delimitadas, muito dificilmente escapa à fatalidade das imposições do regional, quando não das peculiaridades do estritamente local.

(Nelson Rossi, 1967)

RESUMO

A presente pesquisa alinha-se aos estudos que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB vem desenvolvendo sobre a descrição linguística do português falado no país, com foco na variação semântico-lexical que particulariza e identifica o português brasileiro. Desse modo, tem como objetivo principal investigar a variação lexical ocorrida nas capitais do Nordeste brasileiro para *assassino pago* — objeto da questão 140 do campo Convívio e Comportamento Social do Questionário Semântico-Lexical – QSL do ALiB: *Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém*? — considerando o cruzamento das dimensões diatópica, diagenérica, diageracional e diatrática (diferentes níveis de escolaridade). Para tanto, esta investigação está sustentada nos pressupostos teórico-metodológicos, sobretudo, da Dialetologia e da Geolinguística desenvolvidos por Alvar (1961), Biderman (1998), Cardoso (2010), Isquerdo (2003), Razky e Lima (2011), Rey-Debove (1984), Rossi (1967), Vilela (1994), e segue, mais especificamente, a metodologia do ALiB. Assim, os informantes desta pesquisa são mulheres e homens das 09 (nove) capitais do Nordeste, 04 (quatro) com Ensino Fundamental e 04 (quatro) Ensino Superior, distribuídos equitativamente entre as faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos). Quanto aos resultados obtidos, identificou-se um total de 18 (dezoito) lexias usadas, nas capitais do Nordeste brasileiro, para denominar *assassino pago*, sendo que as duas com maior percentual de frequência foram, respectivamente, *pistoleiro* (25,3%) e *matador* (17,9%). Considerando a análise feita dos usos dessas duas lexias mais recorrentes, no que tange à ação dos fatores sociais, constatou-se que, de forma geral, os fatores diageracional e distrático foram os mais relevantes no processo de variação lexical ocorrido, já que foram representativos em 08 (oito) das 09 (nove) capitais investigadas. Este trabalho contribuirá, sem dúvida, para incitar investigações sobre as especifidades do português brasileiro nas demais regiões brasileiras e, mais especificamente, para a confirmação da existência, ou não, de falares do Norte, do Nordeste e do Sul do Brasil.

Palavras-chave: Variação lexical. Geolinguística. ALiB. Assassino pago.

RESUMEN

Esta investigación está en línea con los estudios que el Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil - ALiB ha estado desarrollando sobre la descripción lingüística del portugués hablado en el país, centrándose en la variación semántico-léxical que distingue e identifica el portugués brasileño. Por lo tanto, su objetivo principal ha sido investigar la variación lexical en las capitales del Nordeste brasileño para *asesino remunerado*, objeto de la pregunta 140 del campo Convivencia y Comportamiento Social del Cuestionario Semántico-Lexical - QSL del ALiB: *¿Cómo se llama la persona a la que se le paga por matar a alguien?* Durante el proceso de investigación, identificamos 18 (dieciocho) variantes lexicales para el asesino remunerado y analizamos el uso de estas variantes cruzando las dimensiones diatópica, diagenérica, diageracional y diastrática (diferentes niveles de escolaridad). Esta investigación se basa en los supuestos teóricos y metodológicos, sobre todo, de la Dialectología y Geolinguística desarrollados por Alvar (1961); Biderman (1998); Cardoso (2010); Isquerdo (2003); Razky e Lima (2011); Rey-Debove (1984); Rossi (1967); Vilela (1994), entre otros, y sigue más específicamente la metodología del ALiB. Por lo tanto, los informantes de esta investigación son mujeres y hombres de 09 (nueve) capitales del Nordeste, 04 (cuatro) con educación primaria y 04 (cuatro) educación superior, distribuidos equitativamente entre los grupos de edad I (18 a 30 años) y II (50 a 65 años). Cuanto a los resultados obtenidos, identificamos un total de 18 (dieciocho) lexias utilizadas en las capitales del noreste de Brasil para nombrar asesino remunerado, y los dos con mayor frecuencia fueron, respectivamente, *pistoleiro* (25,3%) e *matador* (17,9%). Considerando el análisis de los usos de estas dos lexías más recurrentes, con respecto a la acción de los factores sociales, se observó que, en general, los factores diageracional y diastrático fueron los más relevantes en el proceso de variación léxical ocurrido, ya que eran representativos en 08 (ocho) de las 09 (nueve) capitales investigadas. Este trabajo indudablemente contribuirá a fomentar las investigaciones sobre las especificidades del portugués brasileño en otras regiones brasileñas y, más específicamente, para confirmar la existencia o no de hablar en el Norte, Nordeste y Sul de Brasil.

Palabras clave: Variación lexical. Geolingüística. ALiB. Asesino remunerado.

LISTAS DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Região Nordeste do Brasil.....25

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de ocorrências nas capitais do Nordeste para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém*. 32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Demonstração da evolução da produção de atlas linguísticos seguindo os parâmetros da Geolinguística – 1963 a 1994.....23
Quadro 2: Demonstração da evolução da produção de atlas linguísticos segundo os parâmetros da Geolinguística – 2002 a 2005.....23
Quadro 3: Atlas iniciados – em andamento ou projetos. 23
Quadro 4: Rede de Pontos da Região Nordeste. 26
Quadro 5: Perfil dos Informantes das capitais do Projeto (ALiB).....27
Quadro 6: Organização dos dados levantados para *a pessoa que é paga para matar alguém*.....29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variantes, quantidade e percentual de designações utilizadas para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém*.....42

LISTA DE SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALF	Atlas Linguístico da França
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
QSL	Questionário Semântico-Lexical
QFF	Questionário Fonético- Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALERS	Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul
ALiSPA	Atlas linguístico Sonoro do Pará
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALSE	Atlas Linguístico de Sergipe
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALMT	Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul
ALiPA	Atlas Linguístico do Pará
ALiRN	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALES	Atlas Linguístico do Espirito Santo
ALESP	Atlas Linguístico do Estado de São Paulo
ALAC	Atlas Linguístico do Estado do Acre
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE CARTAS LINGUÍSTICAS

Carta Linguística 1: Variantes designadas para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém*. 31
Carta Linguística 2: Variantes lexicais usadas em São Luís para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 33
Carta Linguística 3: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 34
Carta Linguística 4: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 35
Carta Linguística 5: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 36
Carta Linguística 6: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 37
Carta Linguística 7: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 38
Carta Linguística 8: Variantes lexicais usadas em Maceió para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 39
Carta Linguística 9: Variantes lexicais usadas em Aracajú para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 40
Carta Linguística 10: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que é paga para matar alguém*. 41
Carta Linguística 11: Variantes lexicais para *assassino pago* por faixa etária....**Erro! Indicador não definido.**43
Carta Linguística 12: Variantes lexicais para *assassino pago* por nível de escolaridade. 45
Carta Linguística 13: Variantes lexicais para *assassino pago* por sexo. 47

Sumário

1 INTRODUÇÃO 14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 16
2.1 Léxico 16
2.2 Dialetologia 17
2.3 Geolinguística 21
3 METODOLOGIA 25
3.1 Região Nordeste 25
3.2 Projeto ALiB 26
3.3 Sujeitos da pesquisa 27
3.4 Instrumentos de coleta de dados 28
3.5 Organização dos dados coletados 28
3.6 Carta Linguística 29
4 ANÁLISE DE DADOS 31
4.1 Fator diatópico 31
4.2 Fatores sociais 42
4.2.1 Fator diageracional 43
4.2.2 Fator escolaridade 45
4.2.3 Fator diagenérico 47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 49
REFERÊNCIAS 51

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a variação do português brasileiro vêm crescendo de maneira significativa no Brasil desde que foi dada a largada para a produção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 1996, pois, sobretudo, desde esse momento, muitos professores, pesquisadores e alunos têm se lançado a investigar profundamente as especificidades do português falado no Brasil.

Somadas a esse contexto, várias foram nossas descobertas sobre a dinamicidade da língua durante o curso de graduação em Letras – Português/Espanhol. Após termos assistido a algumas apresentações de monografias e trabalhos do Projeto ALiMA sobre variação lexical, começamos a querer conhecer mais sobre as particularidades do Português falado no Brasil e, consequentemente, sobre as atividades desenvolvidas pelos Projetos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Porém, foi ao cursarmos a disciplina Linguística V, em 2016, com a Profa. Dra. Conceição Ramos, que esse nosso interesse pelo conhecimento mais aprofundado sobre a diversidade lexical do português brasileiro estabeleceu bases sólidas.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar as variantes lexicais usadas nas capitais do Nordeste do Brasil para nomear *uma pessoa que é paga para matar alguém* e, mais especificamente, analisar os fatores de natureza diatópica, diagenérica, diageracional e de níveis de escolaridade que geram essas variantes.

Consequentemente, esta pesquisa nos possibilita investigar, de forma geral, especificidades lexicais da língua portuguesa no Brasil e, de maneira mais particular, as especificidades lexicais para *assassino pago* nas 09 (nove) capitais do Nordeste do Brasil, com base no *corpus* oral coletado pelo ALiB.

Este trabalho está fundamentando teoricamente nos pressupostos da Dialetologia e da Geolinguística, especialmente, nos estudos de Alvar (1961); Biderman (1998); Cardoso (2010); Isquerdo (2003); Razky e Lima (2011); Rey-Debove (1984); Rossi (1967); Vilela (1994), entre outros.

Para subsidiar a análise de dados deste estudo, utilizamos a metodologia adotada pelo ALIB. Dessa forma, foram analisadas as falas de 08 (oito) informantes de cada uma das nove capitais do Nordeste brasileiro, sendo 04 (quatro) mulheres e 04 (quatro) homens, ambos com Ensino Fundamental e Ensino Superior, distribuídos

equitativamente entre as faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos). O instrumento utilizado para subsidiar os dados coletados foi o Questionário Semântico Lexical (QSL), elaborado pela equipe do ALiB, mais particularmente, a questão 140 do campo lexical *Convívio e Comportamento Social* desse questionário: *Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?*

Vale ressaltar que o presente estudo visa, sobretudo, contribuir com os estudos que o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB vem desenvolvendo sobre a variedade linguística do português brasileiro e suscitar, em outros acadêmicos, o interesse pela pesquisa sobre a diversidade lexical do Brasil.

A análise dos dados desta pesquisa tem, ainda, a intenção de contribuir com lexicógrafos para que atualizem e ampliem as informações dos dicionários; com gramáticos para que atualizem informações com base na realidade documentada por pesquisa empírica; com autores de livros didáticos para que dediquem sua produção à realidade linguístico-cultural e social das regiões do país; e com os docentes para que aprofundem o conhecimento sobre a realidade, a variação de que se reveste o léxico do Português no Brasil.

Para o cumprimento dos propósitos estabelecidos, o presente trabalho está composto de cinco capítulos, além das referências bibliográficas. A introdução corresponde ao primeiro capítulo desta pesquisa. No segundo capítulo, tratamos da fundamentação teórica que subsidia nossa pesquisa, ou seja, dos estudos da Dialetogia e, sobretudo, da Geolinguística Pluridimensional. No capítulo três, discorremos sobre a metodologia aplicada: particularidades sobre as localidades investigadas; perfil dos informantes; instrumentos usados; levantamento; organização e análise dos dados coletados; e estrutura das cartas linguísticas produzidas. No quarto capítulo, apresentamos as cartas linguísticas com os resultados e a respectiva análise dos dados obtidos. Por fim, no capítulo cinco, fazemos as considerações finais a partir dos resultados alcançados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, iremos apresentar três importantes pilares que sustentam a pesquisa na área da Linguística sobre variação lexical e que têm como objetivo investigar a influência de fatores extralinguísticos na pluralidade de denominações, no Nordeste, para *a pessoa que é paga para matar alguém.* Assim, fizemos considerações teóricas sobre o Léxico, a Dialetologia e a Geolinguística.

2.1 Léxico

Os estudos lexicais têm incitado pesquisadores brasileiros, ao longo dos anos, a desenvolverem várias frentes de investigação sobre as particularidades semântico-lexicais do português falado no Brasil.

Léxico é um termo oriundo do grego *lexikón* e corresponde ao conjunto de vocábulos de uma língua. Diversas são as definições de léxico apresentadas e essa variedade de definições causa conflitos e posicionamentos diferentes entre os linguistas, ainda que todas sejam consideradas válidas. Segundo Rey-Debove (1984, p. 52), por exemplo, “léxico é um conjunto de unidades codificadas significativas”. Com base no posicionamento desse estudioso, observamos que o campo lexical de uma língua tem a responsabilidade de denominar e validar o que quer que seja.

Já segundo Biderman (2001, p. 14),

> Uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras.

Essa definição de Biderman reforça o objetivo desta pesquisa em explorar a riqueza cultural evidenciada na diversidade linguística de uma região, como a do Nordeste.

A heterogeneidade linguística é uma característica dos países, porém sabemos que o léxico do Português do Brasil é influenciado e constituído, entre outros fatores, por diversas culturas, como a dos povos indígenas, europeus, africanos e outros.

O léxico do português falado no Brasil nos proporciona, portanto, conhecer a expressiva variedade sociocultural regional do nosso país, pois o léxico vai se

modificando com o tempo e conforme as características sociohistóricas e político-culturais de um determinado local, entre outros motivos.

É válido lembrar que língua e cultura são dois elementos indissociáveis, pois as questões culturais influenciam de maneira significativa os componentes linguísticos de uma nação. A cultura se propaga pela língua e a interseção desses dois elementos colabora para a construção da(s) identidade(s) de um indivíduo, de uma comunidade, de um país.

Isquerdo (2003, p. 178), nesse sentido, afirma que:

> O léxico de uma língua de cultura atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se assim, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem.

Vilela (1994, p. 6) também reforça essa linha de investigação que evidencia a forte ligação do léxico com os fatores socioculturais:

> O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade.

O léxico constitui, assim, um sistema aberto e dinâmico. Os movimentos históricos, culturais e sociais ocasionam o surgimento de novas palavras, o desaparecimento total e fragmentado de outras, assim, as distintas formas dos usos linguísticos distinguem e identificam uma comunidade situada num tempo e num lugar determinados.

2.2 Dialetologia

Silva (2003, p. 80) afirma que “nenhuma língua, pois, é unificada, uma vez que inexiste o que se poderia designar ‘monobloco linguístico’ ”. Sendo assim, a língua tem diversas maneira de apresentar, por exemplo, um mesmo fenômeno linguístico considerando a diversidade do espaço geográfico em que é usada.

A Dialetologia estuda os fenômenos que ocorrem nos diferentes níveis de análise linguística de uma língua considerando sua distribuição espacial. Esse campo de estudo tem como foco conhecer com mais profundidade o léxico de uma localidade geográfica em seus diferentes usos. Cardoso (2010, p. 11) afirma que essa ciência

“estabelece as fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, ou seja, procura descobrir e descrever as diferentes formas que um falante tem de se expressar quando consideradas no espaço geográfico selecionado para análise”.

Na visão de Dubois (1978, p. 185), Dialetologia é “a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”.

A partir desse pensamento de Dubios, a Dialetologia é vista como um campo de estudo que prima por descrever e comparar as características, as especificidades, as particularidades linguísticas próprias de cada localidade.

Segundo Brandão (1991, p. 79), a Dialetologia,

> Em sentido restrito, é a disciplina que se ocupa do estudo dos dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua. Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes considerados como quaisquer variedades de uma língua. Sendo assim, pode-se falar em dialetologia horizontal e dialetologia vertical. A primeira ocupar-se-ia das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de cunho sociocultural.

O primeiro registro de estudos dialetais no Brasil foi desenvolvido, em 1826, por Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca que escreveu um capítulo para o livro *Introduction à l’Atlas ethnograohique du globe,* que consistia num relato da língua do Brasil e no qual abordava questões climáticas, sobre os habitantes e as sobre línguas indígenas.

A Dialetologia, ciência linguística que estuda a variação diatópica, espacial da língua, assumiu a posição de disciplina científica quando os dialetos passaram a ser objeto de atenção dos linguistas. Nesse sentido, vale ressaltar que para o reconhecimento da Dialetologia como uma ciência foi de fundamental importância a contribuição de dois importantes estudiosos: o filólogo italiano Ascoli e o linguista francês Antonie Meillet.

Temos, então, o dialeto como objeto de estudo dessa ciência, compreendido como “um sistema de signos [...] de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma limitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação frente a outros de origem comum” (ALVAR, 1961, p. 57).

Os primeiros estudos dialetais, no Brasil, começaram no final do século XIX e início do século XX, quando a Dialetologia passou a ser vista como uma das ramificações cientificas da linguagem com base no estudo sistemático dos dialetos. Inicialmente, os estudos dialetais caracterizavam-se como eminentemente diatópicos,

pois esta área tinha como ponto de investigação os esforços que eram empreendidos no resgate de dados e na documentação das diferentes variedades linguísticas regionais, mas, foi após o uso do método da Geolinguística que houve o fortalecimento da Dialetologia, ficando conhecida como a ciência de investigação das várias formas de uso da língua.

A Dialetologia no Brasil, teve quatro fases, segundo Cardoso (1999, p. 2-3): a primeira fase teve duração de quase um século, de 1826 a 1920, os marcos desta fase foram a publicação da obra *O dialeto caipira (1920)*, de Amadeu Amaral, um aumento na realização de trabalhos baseados nas especificidades, sobretudo, lexicais do português do Brasil, ou seja, pela publicação de dicionários, vocabulários e léxicos regionais; de 1920 a 1952, ocorreu a segunda fase, momento em que os estudiosos passaram a levar em consideração, nas pesquisas *in loco*, as particularidades dos fatores fonético-fonológicos e dos morfossintáticos além dos lexicais.

É valido explanarmos que essas duas fases iniciais da Dialetologia brasileira estudavam o léxico somente na perspectiva monodimensional, ou seja, exploravam somente os fatores geográficos (diatópicos).

Na terceira fase, que teve início em 1952, a Geolinguística começa a se desenvolver de forma sistemática no Brasil após promulgado o Decreto nº 30. 643, de 20 de março 1952, que autorizou a criação de um atlas linguístico para o Brasil. Esse período foi marcado pelos estudos geolinguísticos desenvolvidos, especialmente, por Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. Outro momento de relevância nesse período foi a publicação da obra de Antenor Nascente (1961) *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil* e a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baiano* (APFB).

Sobre a importância dos atlas linguísticos, Rossi (1967, p. 93) afirma que

> Hoje não precisa de mais do que bom senso e isenção para compreender que eles (os atlas) permanecem uma das maiores conquistas da Linguística no século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, de suas limitações. Dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por outro processo conhecido, valem pelo que permitem dizer ou a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo. Permitem ver muito em extensão, mas com sacrifício da profundidade e do pormenor, embora como inventário preliminar constituam um ponto de partida mais seguro para aprofundamento dos estudos mais exaustivos de áreas menores que nele se delimitam já então partindo não de pressupostos extralinguísticos, mas de dados de linguística interna, colhidos ao vivo, que frequentemente contrariam todos os pressupostos apriorísticos.

Todas as considerações feitas por esses estudiosos foram de grande importância para a tomada de consciência das reais dificuldades que envolviam a elaboração do atlas linguístico nacional considerando a necessidade do estabelecimento de bases metodológicas seguras e criteriosas capazes de atender às demandas geopolíticas e linguísticas de um país com tamanha dimensão territorial como o Brasil.

Razky e Lima (2011, p. 350), nesse sentido, asseguram que

> No Brasil, sobretudo a partir de 1996, a Dialetologia e a Geolinguística tiveram um considerável avanço teórico-metodológico, resultante de um olhar multidimensional, que pode ser verificado em publicações científicas de grande porte, representadas, sobretudo pelos atlas regionais publicados a partir de 2001 no âmbito do atual Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

No IV Congresso Internacional de Associação Brasileira de Linguística, Mota e Cardoso (2005) delinearam uma nova fase para a Dialetologia brasileira, sendo esta denominada de quarta fase, que se estende de 1996 até o presente momento. Esse período teve marcos significativos sustentados no crescimento do campo de estudos da Geolinguística, como o início efetivo da elaboração do ALiB e o crescimento de atlas regionais publicados.

Mota e Cardoso (2006, p. 21) afirmam que

> Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional-monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc.- que predominou na geolingüística hoje rotulada de “tradicional”.

A partir dessa afirmação de Cardoso, podemos reconhecer que a terceira e quarta fases foram de suma importância para o progresso metodológico da Dialetologia no Brasil, pois esse campo de estudo começa, no ano de 1996, a dar atenção para as questões sociais, marcando o início da denominada Geolinguística Pluridimensional.

Fazendo uma espécie de síntese das características marcantes dessas fases dos estudos dialetológicos no Brasil e de suas principais contribuições, Mota e Cardoso (2006, p.22) ressaltam que

> A Dialetologia tem duas classificações, ela pode ser monodimensional ou pluridimensional. A Dialetologia monodimensional tem seu ápice nos atlas linguísticos nacionais, pois neste método o estudo lexical de uma região é abordado de maneira monoestrática, monogeracional, monofásica e homogênea. Já a Pluridimensional explora o léxico tanto na perspectiva dos fatos linguísticos como extralinguísticos. Dessa forma, a Dialetologia Pluridimensional nos permite analisarmos os dados tanto numa visão diatópica como nas variações sociais, diastrática, diageracional, diagenérica, entre outras.

Por fim, importa-nos enfatizar que o maior projeto nacional criado e concretizado, no Brasil, de um atlas linguístico é o ALiB — em desenvolvimento desde 1996. A criação de um atlas linguístico nacional permite que se faça um registro das variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, possibilitando uma aproximação e maior entendimento com/sobre as particularidades da realidade linguística e cultural do nosso país.

Podemos dizer que o campo de estudos da Dialetologia, no Brasil, vem cumprindo suas funções de fornecer dados que possibilitem retratar a realidade e documentar a pluralidade linguística nos seus reais contextos de uso, funcionando como instrumento de fotografia da veracidade linguístico-sociocultural das localidades brasileiras e contribuindo de maneira significativa para a divulgação do conhecimento do português brasileiro.

Hoje, no Brasil, já se tem um número considerável de atlas linguísticos regionais, estaduais, municipais produzidos e em desenvolvimento e cresce cada vez mais o interesse de novos pesquisadores pela elaboração de novos atlas.

2.3 Geolinguística

Nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, nasce a Geolinguística, método linguístico-geográfico com origem na Europa. No entanto, os primeiros estudos foram realizados na Alemanha. Georg Wenker foi quem iniciou os primeiros estudos geolinguísticos, contudo, a ascensão desses estudos ocorreu com a produção do Atlas Linguístico da França (ALF) liderada pelos linguistas Jules Gilliéron e Edmont de acordo com parâmetros geolinguísticos. Vale ressaltar também a influência de grandes estudiosos, como Leibniz, Johannes Schimidt e Hugo Schuchardt.

Coseriu (1987, p. 89) afirma que

> A expressão geografia linguística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.[1]

[1] “la expresión “geografía lingüística” designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo […] que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas

O surgimento do método geolinguístico foi primordial para a Linguística, pois, com a ascensão da Dialetologia, tornou-se necessária a criação de um método que analisasse com amplitude os dados coletados nos espaços geográficos. Chambers e Trudgill (1994, p. 37) ressaltam o quão importante foi o desenvolvimento do método geolinguístico para a Dialetologia: “a Geolinguistica como método por excelência da Dialetologia vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados”.

A Geolinguística é, assim, o método de estudos da Dialetologia responsável por estudar os fenômenos linguísticos representados cartograficamente em atlas linguísticos.

> A Dialetologia e a Geolingüística não se confundem, pois são modalidades distintas do estudo dialetal, uma vez que têm ambas o mesmo objeto-estudo de falas populares – e se diferem só pelo modo de apresentá-lo, cartograficamente ou em glossários (MIAZZI, 1976, p. 61).

Partindo desse pensamento de Miazzi, observamos que Dialetologia e Geolinguística têm o foco voltado para o mesmo objeto de estudo, porém, a Dialetologia busca descobrir as especificidades linguísticas de uma região investigada e a Geolinguística, realizar os registros das especificidades linguísticas em glossários, atlas linguísticos e cartas linguísticas, etc. As investigações dialetais e geolinguísticas primariam, portanto, num primeiro momento, pelo resgate das especificidades lexicais de diferentes lugares.

Da mesma maneira que a Dialetologia, a Geolinguística também é marcada por fases: a primeira fase da Geolinguística ocorreu de 1963 a 1996, sendo marcada pela publicação do primeiro atlas linguístico, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB). A segunda fase começou em 1996, ano em que iniciaram-se as ações do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), e se estende até o presente momento, marcada pela perspectiva pluridimensional de coleta e análise de dados.

> O primeiro momento tem como marco inicial a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o APFB, em 1963, e se estende até 1996 – ano em que o projeto Atlas Linguístico do Brasil deu início às suas atividades com os esforços de dialetólogos de todo o país. [...] O segundo momento da Geolinguística brasileira vai de 1996 até os dias atuais. Os trabalhos deste período já apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB, caminhando para uma visão pluridimensional da variação (ROMANO, 2012, p. 69).

---

en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados”.

Reconhecendo a importância e evolução dos estudos geolinguísticos no Brasil, no final do século XX, Cardoso (2002, p. 14) explicita que a:

> Geolingüística hoje, neste final de milênio, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais.

Com o progresso da Geolinguística nos últimos quinze anos, observamos um crescimento significativo na produção de atlas linguísticos no Brasil, conforme o demonstrado nos quadros abaixo.

Quadro 1: Demonstração da evolução da produção de atlas linguísticos seguindo os parâmetros da Geolinguística – 1963 a 1994.

Atlas	Ano de Publicação	Proposta/ Estágio em 2010
Atlas Prévio dos Falares Baianos- APFB.	1963	Volume único- publicado.
Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais- EALMG.	1977	Quatro vols:.um publicado, dois no prelo.
Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB-vols. I e II.	1984	Três vols:. Dois publicados
Atlas Linguístico de Sergipe- ALS.	1987	Volume II publicado/ tese.
Atlas Linguístico do Paraná- ALPR.	1994	2° vol. Tese defendida em 2007.

Fonte: AGUILERA (2005, p.73).

Quadro 2: Demonstração da evolução da produção de atlas linguísticos segundo os parâmetros da Geolinguística – 2002 a 2005.

Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul- ALERS I, II e III.	2002	2 volumes/ 3°em andamento.
Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA.	2004	CD-ROM-Concluído.
Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM.	2004	Tese-Concluído.
Atlas Linguístico do Sergipe – ALSE II.	2005	Publicação 2 vols. Impresso.
Atlas Linguístico do Paraná- ALPR II.	2007	2° vol. Tese.

Fonte: AGUILERA (2005, p.74).

Atlas Linguístico do Mato Grosso do SUL.	2008	Volume único.
Atlas Linguístico do Ceará.	2010	2 vols.

Quadro 3: Atlas iniciados – em andamento ou projetos.

Atlas Linguístico do Mato Grosso do sul – ALMT.	Coleta iniciada.
Atlas Linguístico do Pará – ALiPA.	Coleta concluída- análise do dados.
Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA.	Em andamento
Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – AliRN.	Em andamento
Atlas Linguistico do Espirito Santo – ALES.	Fase de cartografação
Atlas Linguistico do Estado de São Paulo – ALESP.	Sem informação sobre a etapa atual.
Atlas Linguístico do Estado do Acre- ALAC.	Sem informação sobre a etapa atual.

Fonte: AGUILERA (2005, p.74).

O método geolinguístico é considerado um dos mais significativos métodos de documentação e análise da diversidade linguística, principalmente nos continentes europeus e americanos, sendo comprovado pela quantidade significativa de atlas linguísticos regionais e nacionais concluídos e em elaboração.

É válido lembrar que para o referido método o espaço geográfico é tão importante quanto os fatores sexo, escolaridade e idade, pois o léxico de um povo não varia somente por estar situado geograficamente. Os fatores regionais e sociais são responsáveis pelo caráter heterogêneo e mutável das línguas.

Sendo assim, o método geolinguístico prima pela importância da função interativa da língua, já que a interação linguística entre os sujeitos ocorre de maneira heterogênea com base na interinfluência das dimensões diatópicas, diagenéricas, diageracionais e de formação escolar.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, temos por objetivo especificar os procedimentos metodológicos adotados para execução desta pesquisa. De forma geral, a metodologia aplicada para subsidiar a análise do *corpus* desta pesquisa é a estabelecida pelo ALiB.

Em suma, os dados são constituídos pelas respostas dadas por informantes das 09 (nove) capitais do Nordeste à questão 140 do QSL do ALiB.

Os fatores diatópico e social, nesta pesquisa, foram analisados a partir do percentual de ocorrência, porém, para a análise dos fatores sociais (idade, sexo e escolaridade), consideramos, apenas, as 02 (duas) variantes mais recorrentes nas capitais do Nordeste brasileiro.

3.1 Região Nordeste

A região Nordeste é a segunda maior região do Brasil e a maior em número de estados, possuindo 09 (nove): Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Figura 1: Mapa da Região Nordeste do Brasil.

Fonte: IBGE.

De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2015, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população nordestina totaliza

56.560.081 habitantes, abrigando cerca de 30% da população residente no Brasil. A densidade demográfica é de 36,393 habitantes por km²; o crescimento demográfico é de 1,3% ao ano. A população urbana é maioria – 73%. O estado da Bahia é o mais populoso (14.016.906 habitantes) e Sergipe possui a menor concentração populacional da região: 2.068.017 habitantes.

A região Nordeste possuía grande extensão de Mata Atlântica e é conhecida como o berço do Brasil, pois foi a primeira região do país a ser ocupada pelos colonizadores e, consequentemente, a primeira a ser explorada economicamente pelo colonizadores portugueses que plantavam, além de outras culturas, a cana-de-açúcar e o cacau. O Nordeste foi também o centro financeiro do Brasil até meados do século XVIII, sendo a Capitania de Pernambuco o principal centro produtivo da colônia e Recife a cidade de maior importância econômica.

É também um lugar de grandes contrastes sociais, conhecido pela diversidade sociocultural e linguística, uma vez que recebeu a influência de diferentes povos, tais como negros, índios e brancos.

3.2 Projeto ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), iniciado no ano de 1996, tem sede na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e é coordenado por uma comissão nacional que congrega pesquisadores de diferentes instituições de Ensino Superior brasileiras: UFBA, UFMA, UFMS, UEL, UFJF, UFRGS, UFPB, UFPA, UFSC, e outras.

Esse Atlas tem como objetivo descrever a realidade do português do Brasil, considerando sua modalidade oral, com a finalidade de identificar as marcas dialetais brasileiras mapeando-as em cartas linguísticas. Vale ressaltarmos que as capitais analisadas, nesta pesquisa, são identificadas por uma numeração estabelecida pelo ALiB para sua rede de pontos de inquéritos. O quadro abaixo identifica a rede de pontos da região Nordeste.

Quadro 4: Rede de Pontos da Região Nordeste.

ESTADO	CAPITAL	PONTO
Maranhão	São Luís	026
Piauí	Teresina	034
Ceará	Fortaleza	041
Rio Grande do Norte	Natal	053

Paraíba	João Pessoa	061
Pernambuco	Recife	070
Alagoas	Maceió	077
Sergipe	Aracajú	079
Bahia	Salvador	093

Fonte: Elaborado pela autora com base no ALiB.

O Projeto ALiB adota como metodologia os parâmetros da Dialetologia Pluridimensional, consequentemente, os informantes são homens e mulheres oriundos de 250 localidades, distribuídos por todo o território nacional, nascidos e criados na região pesquisada e com pais também oriundos da mesma localidade, com Ensino Fundamental incompleto (no caso dos informantes das capitais e dos demais municípios) e com Ensino Superior (no caso dos informantes apenas das capitais), pertencentes às faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos).

Para o cumprimento da pesquisa, o ALiB utiliza um Questionário Linguístico composto pelo Questionário Fonético-fonológico (QFF), Semântico-lexical (QSL) e Morfossintático (QMS). Além disso, contém questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são 08 (oito) habitantes de cada uma das 09 (nove) capitais da região do Nordeste, totalizando setenta e dois participantes.

Vale ressaltarmos que, por determinação da metodologia estabelecida pelo ALiB, os informantes têm sua identidade preservada e atendem ao seguinte perfil, conforme quadro abaixo:

Quadro 5: Perfil dos Informantes das capitais do Projeto (ALiB).

Localidades	Informantes	Sexo	Idade	Escolaridade
Capitais do Nordeste	1	Masculino	I- Faixa etária	Fundamental
Capitais do Nordeste	2	Feminino	I- Faixa etária	Fundamental

Capitais do Nordeste	3	Masculino	II-Faixa etária	Fundamental
Capitais do Nordeste	4	Feminino	I- Faixa etária	Fundamental
Capitais do Nordeste	5	Masculino	I- Faixa etária	Superior
Capitais do Nordeste	6	Feminino	I- Faixa etária	Superior
Capitais do Nordeste	7	Masculino	II- Faixa etária	Superior
Capitais do Nordeste	8	Feminino	II-Faixa etária	Superior

Fonte: Elaborado pela autora com base na metodologia do ALiB.

3.4 Instrumentos de coleta de dados

Os dados da presente pesquisa foram coletados no Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB. Esse questionário está dividido em 14 campos semântico-lexicais: acidentes geográficos (6 questões), fenômenos atmosféricos (15 questões), astros e tempo (17 questões) atividades agropastoris (25 questões), fauna (25 questões), corpo humano (32 questões), ciclos da vida (15 questões), convívio e comportamento social (11 questões), religião e crenças (8 questões), jogos e diversões infantis (13 questões), habitação (8 questões), alimentação e cozinha (12 questões), vestuário e acessórios (6 questões) e vida urbana (9 questões).

Este estudo trabalha, especificamente, com a questão 140 do QSL, pertencente ao campo semântico *Convívio e comportamento social*: *Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?*

3.5 Organização dos dados coletados

Os dados desta pesquisa foram extraídos das transcrições grafemáticas realizadas pela equipe do ALIB.

Para que tivéssemos acesso a esses dados, solicitamos oficialmente uma autorização para trabalharmos com eles mediante ofício encaminhado à coordenação

geral do ALiB pela coordenadora do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Após o recebimento da autorização, assinamos um termo de compromisso no qual nos comprometíamos a utilizar tais dados tão somente para a presente pesquisa.

Em seguida, procedemos à revisão das transcrições grafemáticas, realizadas pela equipe do ALiB, com base nos áudios originais das entrevistas, com o intuito de confirmar ou refutar os dados constantes nas transcrições. Após a realização de todos esses processos, os dados foram compilados em uma tabela no *Excel*, a qual otimizou, sobremaneira, a etapa de elaboração das cartas linguísticas, conforme quadro abaixo:

Quadro 6: Organização dos dados levantados para *a pessoa que é paga para matar alguém*.

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	**ESTADO**	**CAPITAL**	**Nº de Localidedes**	**INFORMANTES**	**SEXO**	**ESCOLARIDADE**	**FAIXA ETÁRIA**	**QUESTÃO 140**
2	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	1	M	FUNDAMENTAL	JOVEM	ASSASSINO de ALUGUEL
3	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	2	F	FUNDAMENTAL	JOVEM	**EM BRANCO**
4	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	3	M	FUNDAMENTAL	IDOSO	PISTOLEIRO
5	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	4	F	FUNDAMENTAL	IDOSA	PISTOLEIRO
6	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	5	M	SUPERIOR	JOVEM	ASSASSINO, MATADOR
7	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	6	F	SUPERIOR	JOVEM	ASSASSINO
8	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	7	M	SUPERIOR	IDOSO	ASSASSINO de ALUGUEL, MATADOR PROFISSIONAL
9	MARANHÃO	SÃO LUÍS	26	8	F	SUPERIOR	IDOSA	MATADOR de ALUGUEL, CANGACEIRO ,PISTOLEIRO
10	**ESTADO**	**CAPITAL**	**Nº de Localidedes**	**INFORMANTES**	**SEXO**	**ESCOLARIDADE**	**FAIXA ETÁRIA**	**QUESTÃO 140**
11	PIAUÍ	TERESINA	34	1	M	FUNDAMENTAL	JOVEM	PISTOLEIRO
12	PIAUÍ	TERESINA	34	2	F	FUNDAMENTAL	JOVEM	GRILEIRO, ASSASSINO, MAU ELEMENTO
13	PIAUÍ	TERESINA	34	3	M	FUNDAMENTAL	IDOSO	PISTOLEIRO de ALUGUEL
14	PIAUÍ	TERESINA	34	4	F	FUNDAMENTAL	IDOSA	**N.R**
15	PIAUÍ	TERESINA	34	5	M	SUPERIOR	JOVEM	**N.R**
16	PIAUÍ	TERESINA	34	6	F	SUPERIOR	JOVEM	PISTOLEIRO
17	PIAUÍ	TERESINA	34	7	M	SUPERIOR	IDOSO	PISTOLEIRO de ALUGUEL
18	PIAUÍ	TERESINA	34	8	F	SUPERIOR	IDOSA	PISTOLEIRO
19	**ESTADO**	**CAPITAL**	**Nº de Localidedes**	**INFORMANTES**	**SEXO**	**ESCOLARIDADE**	**FAIXA ETÁRIA**	**QUESTÃO 140**
20	CEARÁ	FORTALEZA	41	1	M	FUNDAMENTAL	JOVEM	MATADOR de ALUGUEL
21	CEARÁ	FORTALEZA	41	2	F	FUNDAMENTAL	JOVEM	MATADOR de ALUGUEL
22	CEARÁ	FORTALEZA	41	3	M	FUNDAMENTAL	IDOSO	PISTOLEIRO, MATADOR de ALUGUEL
23	CEARÁ	FORTALEZA	41	4	F	FUNDAMENTAL	IDOSA	PISTOLEIRO
24	CEARÁ	FORTALEZA	41	5	M	SUPERIOR	JOVEM	PISTOLEIRO
25	CEARÁ	FORTALEZA	41	6	F	SUPERIOR	JOVEM	**EM BRANCO**
26	CEARÁ	FORTALEZA	41	7	M	SUPERIOR	IDOSO	PISTOLEIRO
27	CEARÁ	FORTALEZA	41	8	F	SUPERIOR	IDOSA	MATADOR

Fonte: Autora.

3.6 Carta Linguística

As cartas linguísticas são parte essencial do método geolinguístico. Após todo o processo metodológico utilizado para o levantamento, processamento e análise dos dados, produzimos tais cartas, de acordo com o modelo estabelecido e cedido pelo comitê organizador do ALiB, com a finalidade de apresentar, em formato de gráficos, as variantes lexicais do Nordeste para *a pessoa que é paga para matar alguém*, bem como a influência dos fatores diatópicos, diageracionais, diagenéricos e escolaridade.

As cartas linguísticas elaboradas, apresentam os dados em forma de gráfico de pizza, sendo que cada variante foi representada por uma cor, assim todas as (18) dezoito variantes nomeadas para designar *a pessoa que é paga para matar alguém* receberam cores estabelecidas pela autora deste estudo.

Nesta pesquisa, optamos por não expor, nos gráficos, as respostas não obtidas para a questão 140 do QSL/ALiB.

Vale ressaltarmos que para avaliar os fatores sociais nas capitais do Nordeste, elencamos as lexias que obtiveram um maior percentual de ocorrência. A forma geométrica círculo preenchida pela cor preta e listradas, para a análise dos fatores sociais, representa a lexia elencada para ser analisada, já o círculo de cores verde e laranja representam os fatores sociais que estarão sendo analisados.

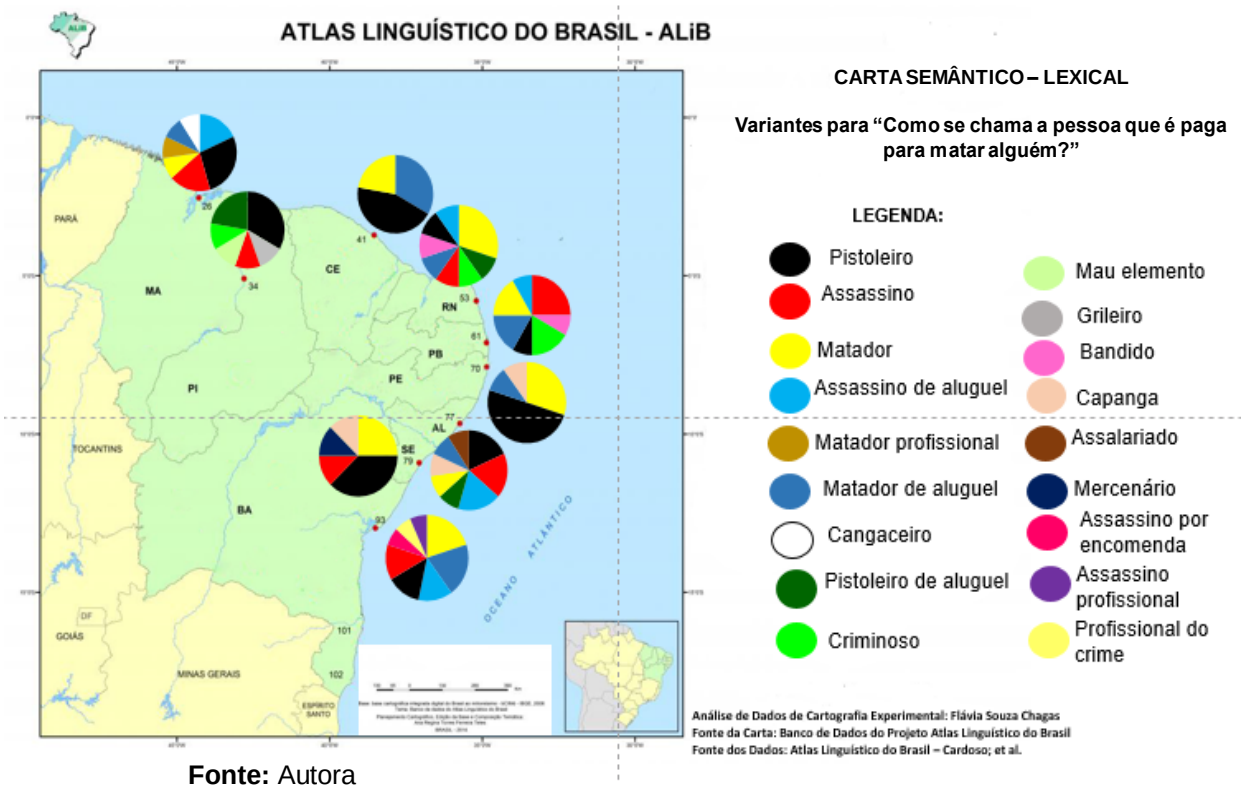
4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, analisamos os dados levantados nas capitais do Nordeste do Brasil para evidenciar as variantes lexicais nordestinas usadas para denominar *a pessoa paga para matar alguém* — com base nas respostas dadas à questão 140 do QSL/ALiB: *Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?* — bem como, procedemos à análise dos fatores diatópicos, diageracionais, diagenéricos e de escolaridade que ocasionam essas variantes. Concomitantemente, apresentamos as cartas linguísticas produzidas para apresentar as sínteses dos principais resultados obtidos.

4.1 Fator diatópico

No total, foram identificadas 18 (dezoito) variantes lexicais usadas nas capitais do Nordeste para denominar uma *pessoa que é paga para matar alguém*, conforme a Carta Linguística 1, abaixo.

Carta Linguística 1: Variantes lexicais para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém*



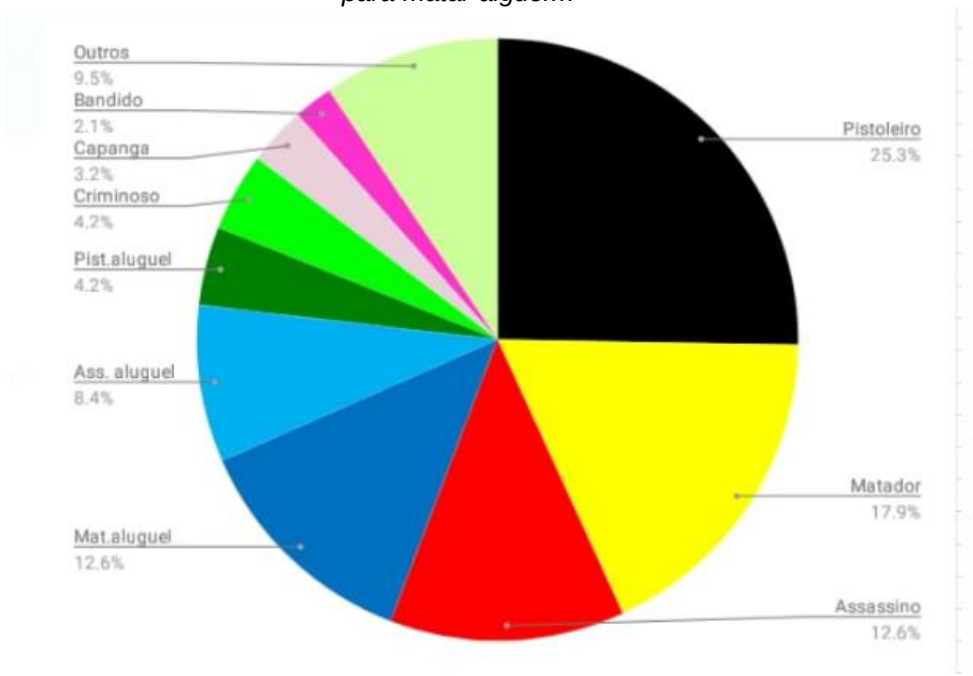
Fonte: Autora

Ressaltamos que, para evidenciarmos a diversidade de variantes lexicais identificadas nas 09 (nove) capitais da região Nordeste do Brasil para a *pessoa que é*

paga para matar alguém, selecionamos, conforme apresentado na legenda da Carta Linguística 1, uma cor para representar cada lexia e dispusemos as lexias em ordem decrescente de ocorrência.

Para melhor garantir a compreensão dessas informações, também segue o gráfico que apresenta o percentual de ocorrência das lexias denominadas para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém.*

Gráfico 1: Percentual de ocorrências nas capitais do Nordeste para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém*.



Fonte: Autora

Sendo assim, por ordem de maior índice de ocorrência, obtivemos: *pistoleiro* (25,3%); *matador* (17,9%); *assassino* (12,63%); *matador de aluguel* (12,6%); *assassino de aluguel* (8,4%); *pistoleiro de aluguel* (4,2%); *criminoso* (4,2%); *capanga* (3,2%) *bandido* (2,1%); *matador profissional* (1,05%); *cangaceiro* (1,05%); *mau elemento* (1,05%); *grileiro* (1,05%); *assalariado* (1,05%); *mercenário* (1,05%); *assassino por encomenda* (1,05%); *assassino profissional* (1,05%) e *profissional do crime* (1,05%).

Esclarecemos que, como a frequência de cada uma das últimas 9 (nove) variantes apresentadas (*matador profissional*; *cangaceiro*; *mau elemento*; *grileiro*; *assalariado*; *mercenário*; *assassino por encomenda; assassino profissional* e *profissional do crime*) atingiu o percentual de 1,05%, fizemos a soma de todas elas e

as agrupamos como *outros* para que a visualização da imagem não ficasse comprometida devido ao extenso número de variantes obtidas.

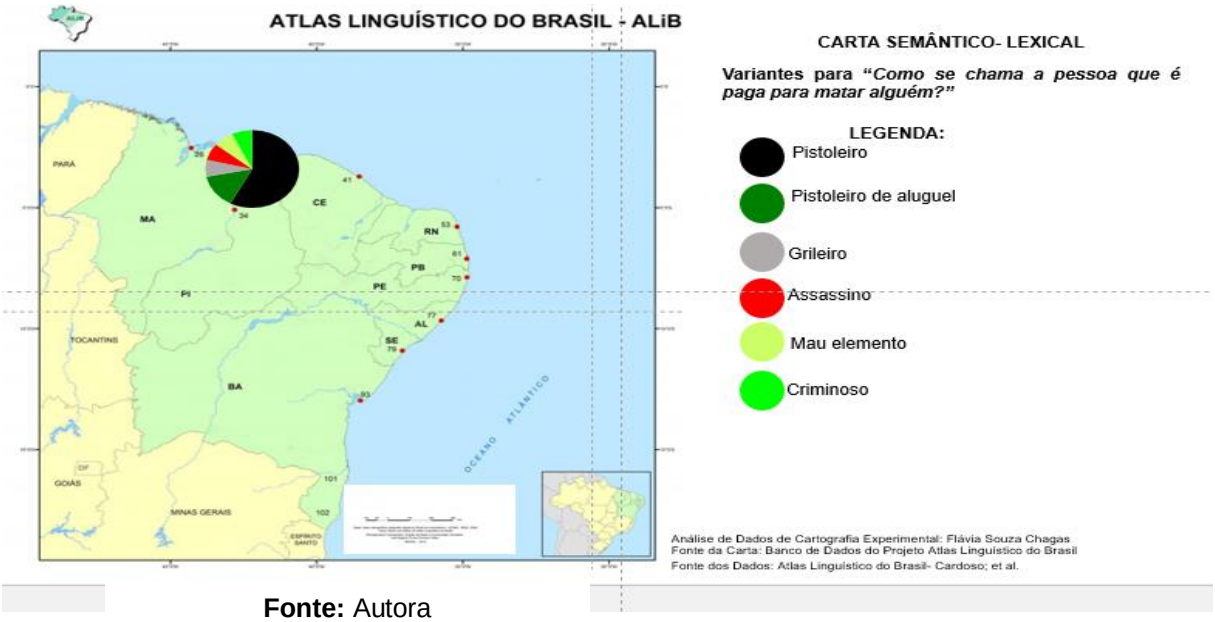
Vejamos, agora, as variantes lexicais para *a pessoa que é paga para matar alguém* por cada capital.

Carta Linguística 2: Variantes lexicais usadas em São Luís para *a pessoa que é paga para matar alguém*.

Fonte: Autora

Considerando as 07 (sete) variantes lexicais identificadas em São Luís (026), a lexia *pistoleiro* obteve o maior índice de ocorrência – 27,28%, seguida de *assassino* e *assassino de aluguel*, ambas com 18,18% de ocorrência. As outras 04 (quatro) lexias: *matador, cangaceiro, matador de aluguel* e *matador profissional* apresentaram um percentual de 9,09% de ocorrência cada uma. Um fato que nos chamou atenção em relação à variação lexical para *assassino pago* na capital do Maranhão é que foi a única capital do Nordeste a usar as lexias *cangaceiro e matador profissional*.

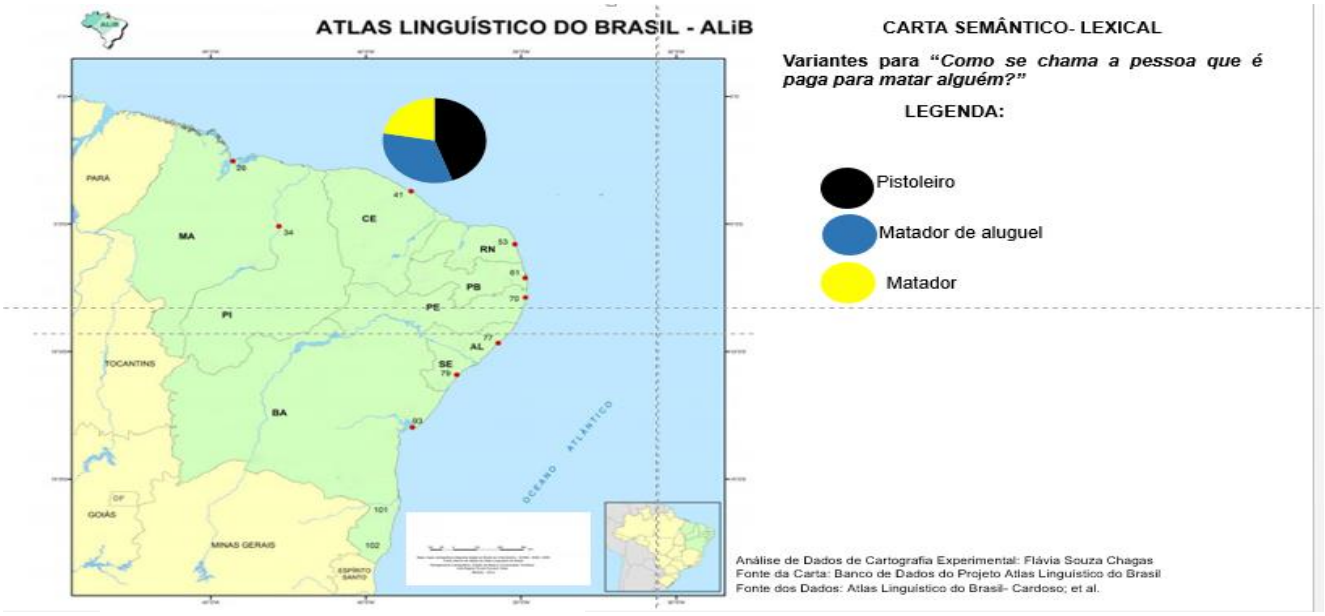
Carta Linguística 3: Variantes lexicais usadas em Teresina para *a pessoa que é paga para matar alguém*.



Fonte: Autora

Com base nos dados coletados na capital do Piauí, Teresina (034), as duas variantes mais recorrentes, de um total de 06 (seis), foram *pistoleiro*, *com* 33,33% das ocorrências, *e pistoleiro de aluguel*, com 22,23%. A soma das demais lexias *grileiro, assassino, mau elemento* e *criminoso* totalizou um índice de 44,44%. As lexias *grileiro e mau elemento* apareceram somente nessa capital.

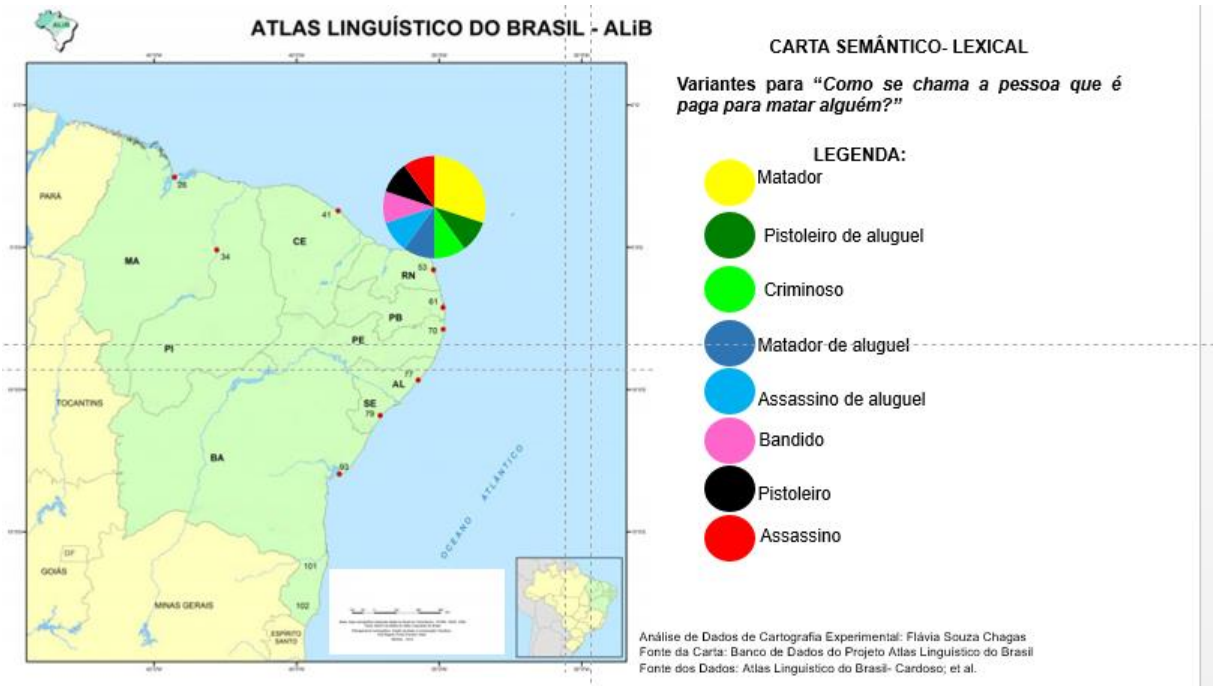
Carta Linguística 4: Variantes lexicais usadas em Fortaleza para *a pessoa que é paga para matar alguém*.



Fonte: Autora

Em Fortaleza (041), capital do Ceará, foi a capital nordestina que apresentou a menor quantidade de variantes lexicais para *a pessoa que é paga para matar alguém*. Dentre as 03 (três) lexias apresentadas, *pistoleiro* teve o maior percentual de ocorrência, com 44,45%, seguida de *matador de aluguel*, com 33,33% e *matador* com 22,22%.

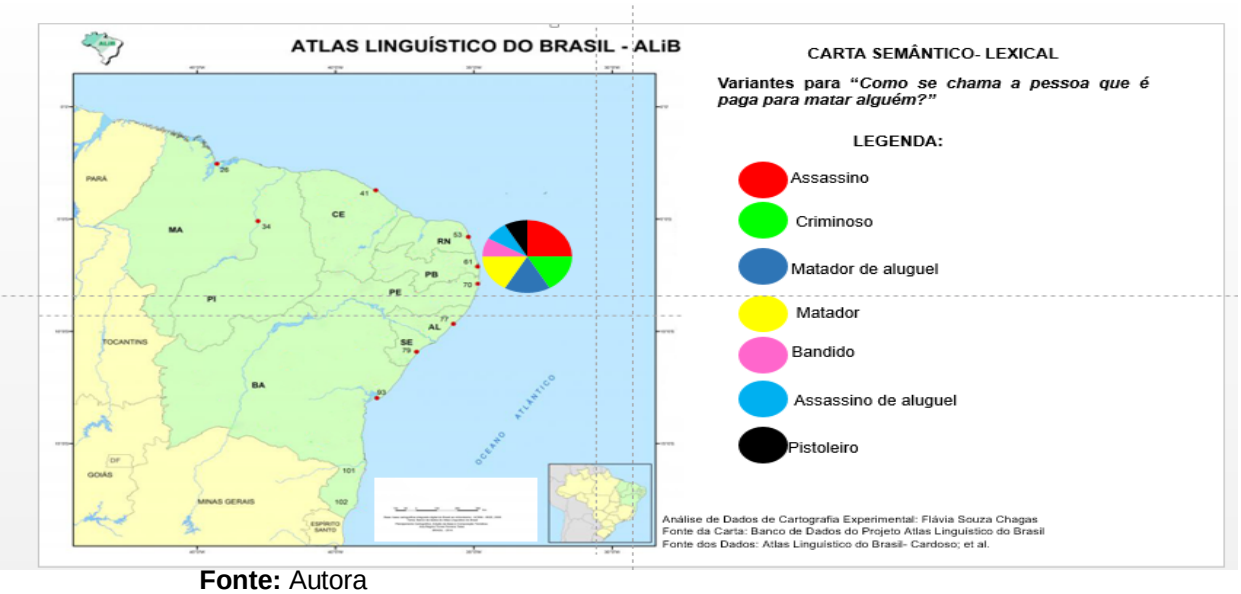
Carta Linguística 5: Variantes lexicais usadas em Natal para *a pessoa que é paga para matar alguém*



Fonte: Autora

Natal (053), capital do Rio Grande do Norte, foi uma das que apresentou uma maior diversidade lexical para *assassino pago*. Das 08 (oito) lexias identificadas, *matador* apresentou um percentual de 30%, já as outras 07 (sete) lexias *pistoleiro de aluguel, criminoso, matador de aluguel, assassino de aluguel, bandido, pistoleiro e assassino* apresentaram um índice de ocorrência de 10% cada uma.

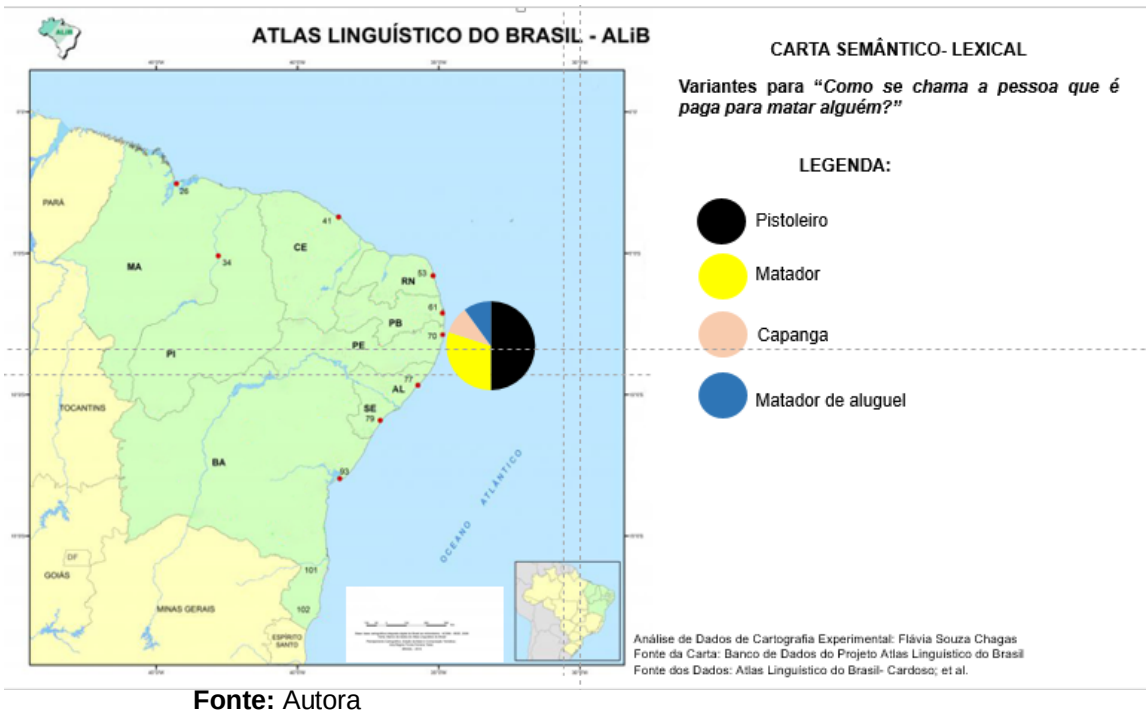
Carta Linguística 6: Variantes lexicais usadas em João Pessoa para *a pessoa que é paga para matar alguém.*



Fonte: Autora

Em João Pessoa (061), forma identificadas 07 (sete) lexias para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém.* Considerando o índice de ocorrência, temos: *assassino,* com um percentual de 25%, *matador de aluguel, criminoso e matador* com 16,67% cada. *Bandido, assassino de aluguel e pistoleiro* alcançaram 8,33% cada uma. Vale ressaltar que esta foi a capital que apresentou o menor percentual para a lexia *pistoleiro*.

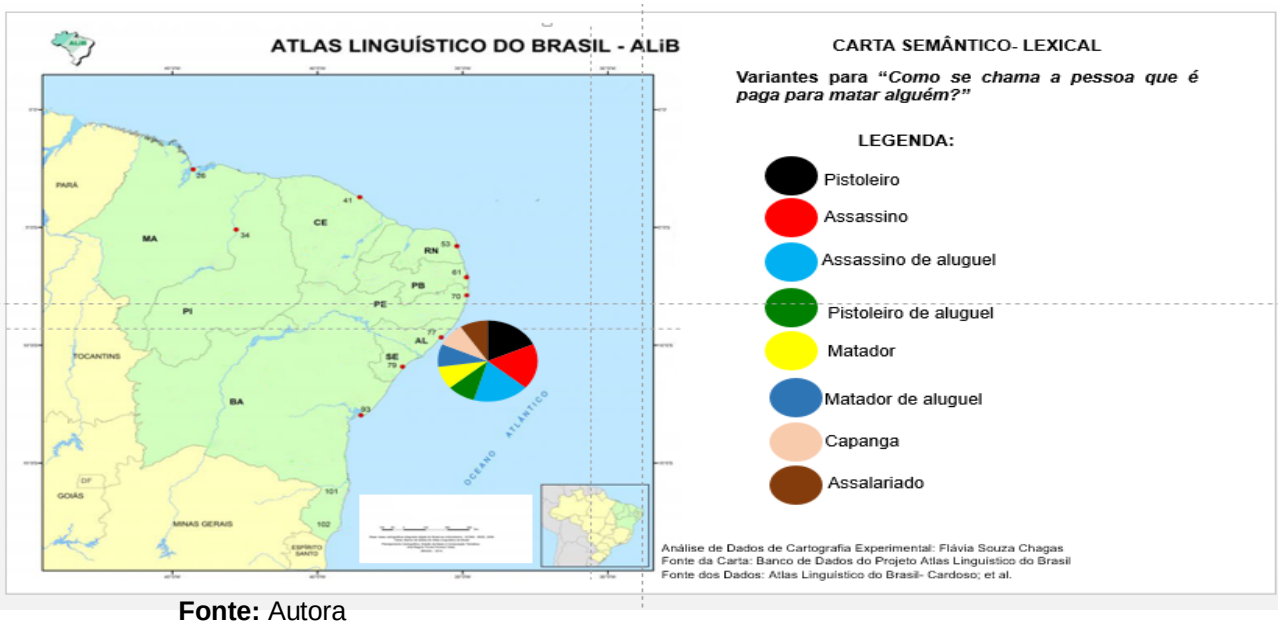
Carta Linguística 7: Variantes lexicais usadas em Recife para *a pessoa que é paga para matar alguém.*



Fonte: Autora

Depois de Fortaleza, Recife (070) foi a capital da região Nordeste que apresentou o menor número de lexias para designar uma *pessoa que é paga para matar alguém*, num total de quatro variantes. *Pistoleiro* teve 50% de ocorrência, sendo, portanto, a capital nordestina com maior índice de ocorrência dessa lexia. Já a lexia *matador* teve 30% de ocorrência, *capanga* e *matador de aluguel* totalizaram juntas um percentual de 20% de ocorrência.

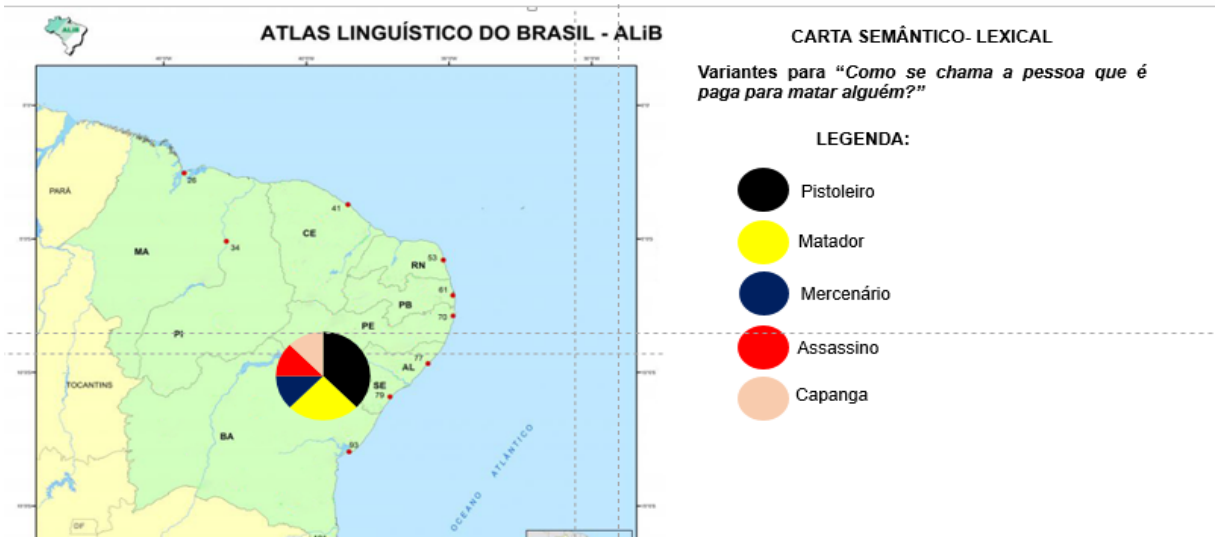
Carta Linguística 8: Variantes lexicais usadas em Maceió para *a pessoa que é paga para matar alguém*



Fonte: Autora

Assim como Natal, Maceió (077) foi uma das capitais que mais apresentou variantes lexicais para *assassino pago*, num total de 08 (oito). As lexias *pistoleiro, assassino e assassino de aluguel* tiveram um percentual de 18,18% de ocorrência cada. As outras 05 (cinco) lexias *pistoleiro de aluguel, matador, matador de aluguel, capanga e assalariado* totalizaram um percentual de 45,46%. É oportuno destacarmos que a variante *assalariado* só apareceu nessa capital.

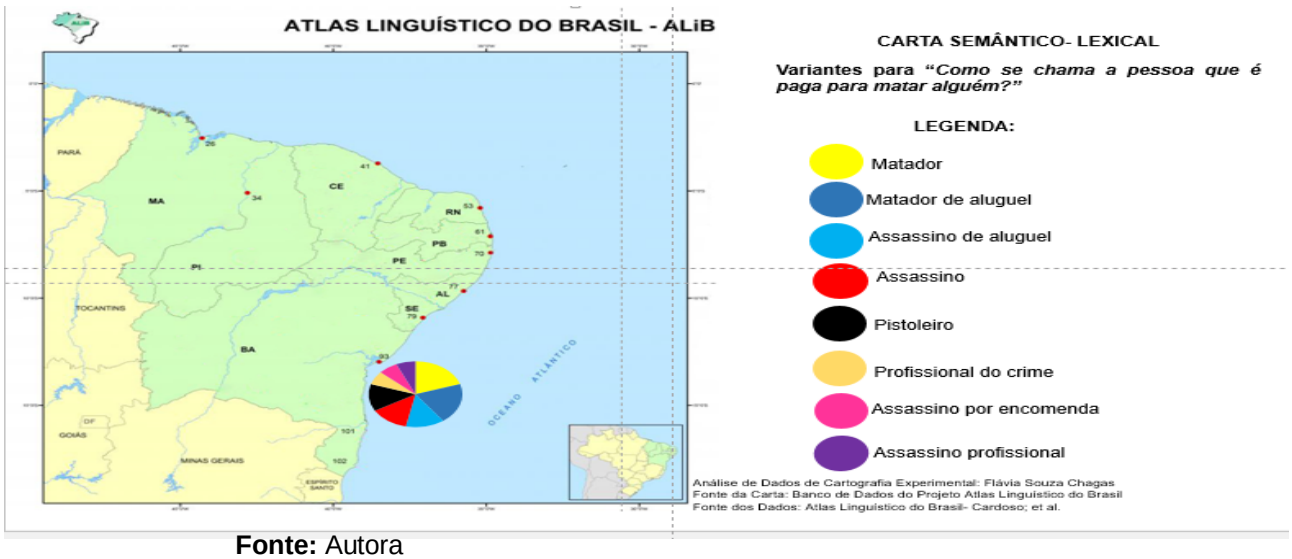
Carta Linguística 9: Variantes lexicais usadas em Aracaju para *a pessoa que é paga para matar alguém*.



Fonte: Autora

De acordo com os dados levantados, a capital Aracaju (079) apresentou 05 (cinco) lexias. A variante *pistoleiro* obteve 37,50% de ocorrência, *matador*, 25,00%, e a soma das outras variantes lexicais *mercenário, assassino* e *capanga* atingiu um total de 37,50%. Só nessa capital foi usada a lexia *mercenário*.

Carta Linguística 10: Variantes lexicais usadas em Salvador para *a pessoa que é paga para matar alguém*.



Fonte: Autora

Em Salvador (093), assim como em Natal e Maceió, houve uma maior diversidade lexical para *a pessoa que é paga para matar alguém*. Das 08 (oito) variantes lexicais usadas, as que tiveram o maior índice de ocorrência foram *matador e matador de aluguel*, ambas com 20,00% cada, seguidas por *assassino de aluguel, assassino, pistoleiro* com 13,33% cada uma. As outras 03 (três) lexias *profissional do crime, assassino por encomenda e assassino profissional* atingiu um índice de 6,67% de ocorrência cada. Essas 03 (três) últimas lexias só foram identificadas nessa capital.

Ressaltamos ainda que, conforme tabela baixo, constatamos que a variante *pistoleiro* apareceu em todas as 09 (nove) capitais do Nordeste, num total de 25,3% de ocorrência, totalizando 24 (vinte e quatro) ocorrências em números absolutos. Essa lexia é seguida de *matador*, com 17,9% de percentual de ocorrência, o que representa 17(dezessete) ocorrências em número absoluto. Entre as lexias mais recorrentes no Nordeste brasileiro, ainda tivemos *assassino e assino de aluguel*, ambas com um percentual de 12,6% o que em números absolutos representa 12 (doze) ocorrências cada uma.

Tabela 1: Variantes, quantidade e percentual de designações utilizadas para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém*.

Variante	Quantidade	Percentual
Pistoleiro	24	25,30%
Matador	17	17,90%
Assassino	12	12,60%
Matador de aluguel	12	12,60%
Assassino de aluguel	8	8,45%
Pistoleiro de aluguel	4	4,20%
Criminoso	4	4,20%
Capanga	3	3,20%
Bandido	2	2,10%
Matador profissional	1	1,05%
Grileiro	1	1,05%
Mau elemento	1	1,05%
Assalariado	1	1,05%
Mercenário	1	1,05%
Profissional do crime	1	1,05%
Assassino por encomenda	1	1,05%
Assassino profissional	1	1,05%
Cangaceiro	1	1,05%
	95	**100,00%**

Fonte: Autora

4.2 Fatores sociais

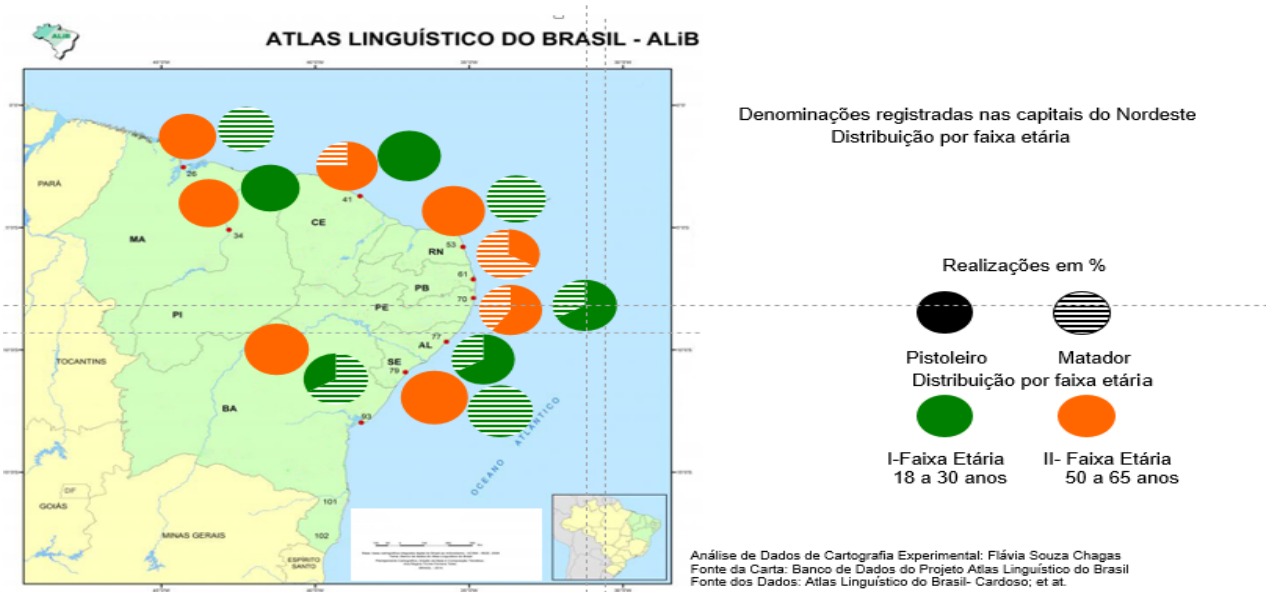
Com relação às dimensões extralinguísticas atuantes no processo de variação lexical para *assassino pago* nas capitais do Nordeste brasileiro, analisamos, nesta pesquisa, além da diatópica, a diageracional, a diagenérica e a da escolaridade.

Desse modo, o cruzamento dos dados coletados nos permitiu identificar padrões de ocorrência predominante para os fatores diageracional (idade), diagenérico (sexo) e de escolaridade. As dimensões diageracional e de escolaridade demonstraram uma maior predominância de ação já que foram representativas em 08 (oito) das 09 (nove) capitais, enquanto que o fator diagenérico foi relevante em 07 (sete) das 09 (nove) capitais.

Vejamos com mais detalhes a atuação desses três fatores em cada uma das capitais do Nordeste.

4.2.1 Fator diageracional

Carta Linguística 11: Variantes lexicais para *assassino pago* por faixa etária.



Fonte: Autora

Para a análise do fator diageracional, foram consideradas, apenas, as variantes *pistoleiro e matador*, visto que essas duas lexias foram as que tiveram um maior percentual de ocorrência nas capitais nordestinas. Vale ressaltar que, primeiro, iremos analisar a faixa etária I - (18 a 30 anos) e em seguida a faixa etária II - (50 a 65 anos).

Com base nos dados, observamos que, de forma geral, os informantes da faixa etária I de 06 (seis), das 09 (nove) capitais, usaram a variante *matador*, já na faixa etária II, houve predominância de uso da lexia *pistoleiro*, presente em 8 (oito) das 9 (nove) capitais, com exceção da segunda faixa etária de informantes da capital Maceió (077).

No que tange à faixa etária I (18 a 30 anos), em Teresina (034) e em Fortaleza (041), a lexia *pistoleiro* alcançou o índice de 100% de ocorrência nessa faixa em cada uma dessas capitais. Em São Luís (026), assim como em Natal (053) e em Aracaju (079), observamos que a ocorrência da variante *matador* no léxico dessa faixa etária para designar *a pessoa que é paga para matar alguém* atingiu o percentual de 100% de ocorrência.

A seguir vejamos as três capitais que os informantes da faixa etária I utilizaram as duas variantes mais recorrentes, *pistoleiro* e *matador*. De acordo com os dados de Recife (070) e Maceió (077), constatamos que os informantes utilizaram, em

ambas as capitais, tanto a lexia *pistoleiro*, com 65% de ocorrência, como matador, com 35%. Em Salvador (093), de acordo com os dados coletados, a lexia *matador* teve um percentual de 70% e *pistoleiro*, 30%. É valido ressaltarmos que na capital João Pessoa (061), a faixa etária I não utilizou nenhuma das duas lexias para *assassino pago*.

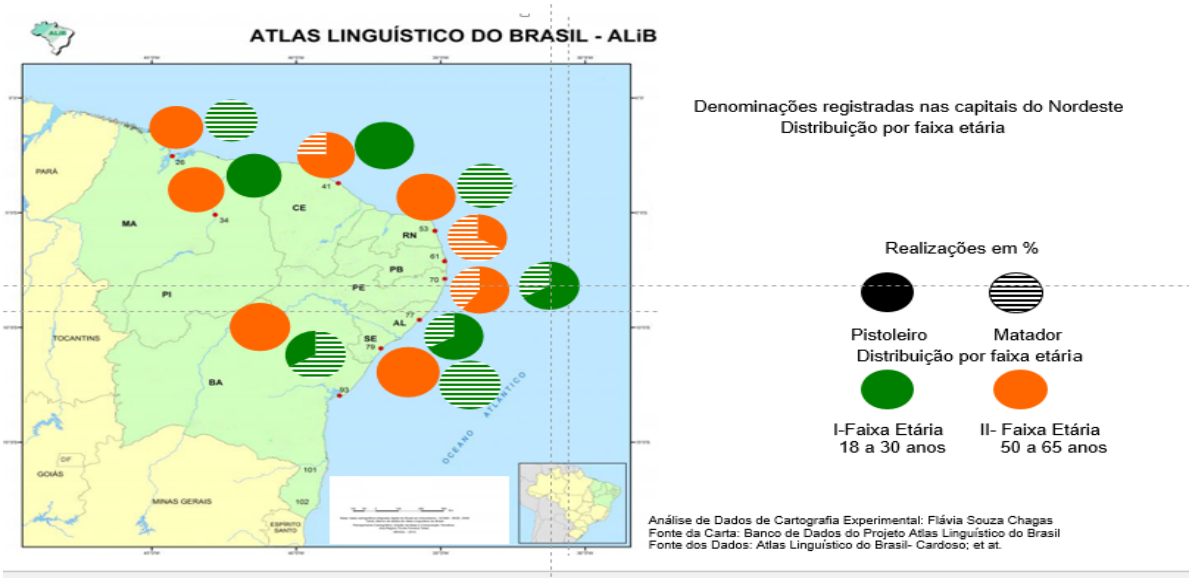
Com relação à faixa etária II (50 a 65 anos), em São Luís, Teresina (034), Natal (053), Aracajú (079) e Salvador (093), houve um percentual de 100% de uso da lexia *pistoleiro* por parte dos informantes dessa faixa etária. As capitais nordestinas nas quais os informantes de 50 a 65 anos utilizaram tanto *pistoleiro* como *matador* para designar *a pessoa que é paga para matar alguém* foram Fortaleza (041), sendo que, nessa capital, *pistoleiro* atingiu um percentual de 75% de ocorrência nessa faixa etária e *matador*, 25%; em João Pessoa (061), *matador* obteve 70% de ocorrência e *pistoleiro* 30%, e em Recife (070), a lexia *pistoleiro* atingiu um percentual de 60% e *matador*, 40%. Os entrevistados da II faixa etária da capital Maceió (077) não fizeram uso nem de *pistoleiro* nem de *matador* para designar *a pessoa que é paga para matar alguém.*

Em suma, em relação à dimensão diageracional, verificamos que a variante *pistoleiro* é a mais utilizada de uma forma geral para *assassino pago*, porém há um percentual mais elevado de uso dessa lexia pela segunda faixa etária. Já a lexia *matador* foi mais usada pela primeira faixa etária.

Assim, confirmamos que a língua varia de fato em função do aspecto diageracional, ou seja, com o passar do tempo, novas lexias vão surgindo enquanto outras podem desaparecer total ou parcialmente. Nesta pesquisa, constatamos que enquanto os mais jovens utilizaram, na maioria da vezes, *matador* para designar uma *pessoa que é paga matar alguém*, grande parte dos mais velhos usou *pistoleiro*. Isso nos leva a entender que a lexia *pistoleiro* dá sinais de que poderá gradativamente deixar de ser utilizada nas capitais do Nordeste uma vez que, por ter uma predominância entre o público da faixa etária II, *pistoleiro* fica em uma posição de ameaça diante das novas variantes lexicais para *assassino pago*.

4.2.2 Fator escolaridade

Carta Linguística 12: Variantes lexicais para *assassino pago* por nível de escolaridade.



Fonte: Autora

Também nos baseamos nas variantes *pistoleiro e matador* para analisar a interferência dos níveis de escolaridade fundamental e superior na variação lexical ocorrida nas capitais nordestinas para designar *a pessoa que é paga para matar alguém*.

Nesta pesquisa, constatamos que entre os informantes do nível fundamental, houve uma predominância da lexia *pistoleiro*, presente em 08 (oito) das 09 (nove) capitais, ou seja, com exceção de Natal (053). De forma geral, considerando o nível fundamental de escolaridade, a lexia *pistoleiro* atingiu o percentual de 100% de ocorrência em São Luís (026) em Teresina (034), em Fortaleza (041), em João Pessoa (061) e em Maceió (077). As capitais em que os informantes desse nível de ensino utilizaram as lexias *pistoleiro e matador* para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém* foi Recife (070), na qual *pistoleiro* teve um percentual de 80% de ocorrência e *matador,* 20%; Aracaju (079), com um percentual de 60% para *pistoleiro* e de 40% para *matador* e Salvador (093), com um índice de 50% para *pistoleiro* e 50% *matador*. Natal (053) foi a única capital a ter a ocorrência de 100% para a lexia *matador* entre os informantes do nível fundamental.

No que concerne ao nível superior, as capitais nordestinas que usaram *pistoleiro* e *matador* para nomear *a pessoa que é paga para matar alguém* foram São Luís (026), Maceió (077), Aracajú (079) e Salvador (093), as quais apresentaram um percentual de 50% para *pistoleiro* e 50% para *matador* cada. Os informantes com nível

superior das capitais Teresina (034) e João Pessoa (061) foram os únicos a utilizar apenas umas das variantes identificadas para *assassino pago*: *pistoleiro* em Teresina e *matador* em João Pessoa. Em Recife (070), a variante *matador* teve 70% de ocorrência e *pistoleiro*, 30%. Natal (034) obteve um índice de 70% para *matador* e de 30% para *pistoleiro.* A capital Fortaleza (041) apresentou os seguintes percentuais: 60% para *pistoleiro* e 40%para *matador.*

Pelo exposto, constatamos que os níveis de escolaridade também influenciam a variação lexical para *assassino pago* nas capitais do Nordeste. Os informantes somente com o nível fundamental, na maioria das vezes, usaram *pistoleiro* para designar *a pessoa que é paga para matar alguém*, já os com nível superior usaram mais *matador.*

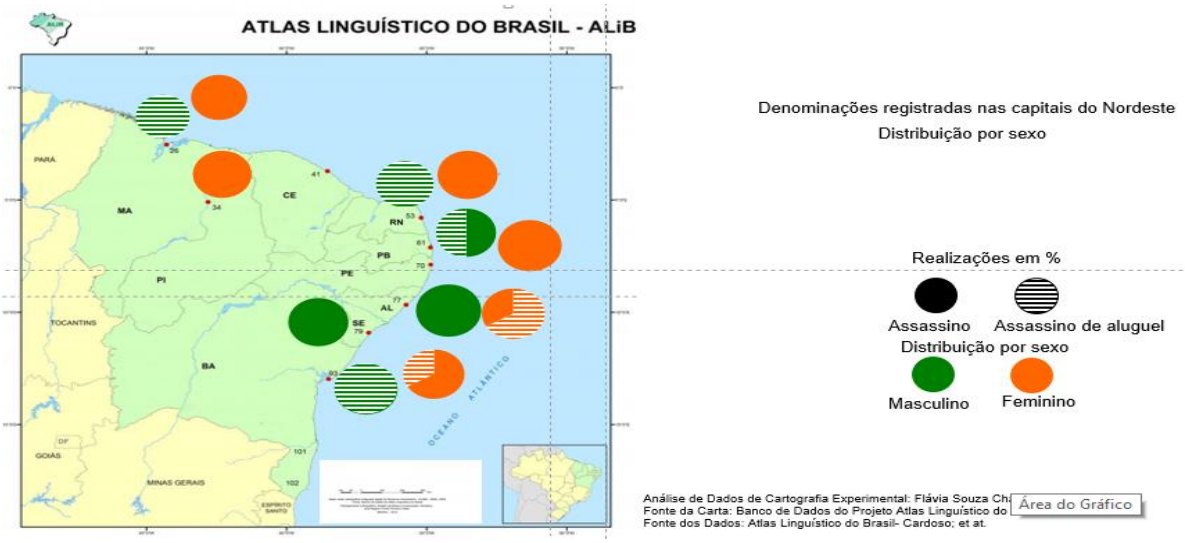
Um outro fator que nos chamou atenção, nesta pesquisa, é que os informantes com nível fundamental usaram um total de 10 (dez) lexias: assassino *de aluguel, pistoleiro, matador, matador de aluguel, assassino, pistoleiro de aluguel, bandido, criminoso, grileiro e mau elemento,* e os com nível superior usaram 15 (quinze) distintas lexias: *assassino, matador, assassino de aluguel, matador profissional, matador de aluguel, cangaceiro, pistoleiro, mercenário, capanga, assalariado, bandido, pistoleiro de aluguel, assassino por encomenda, profissional do crime e assassino profissional*.

As variantes *bandido, criminoso, grileiro, mercenário e assalariado* são termos que podem ser considerados como “genéricos”, pois bandido e criminoso podem ser designados para nomear qualquer pessoa que cometa algum delito, não somente, quando é paga para matar alguém, já grileiro está mais relacionadas às questões latifundiárias, de invasores de terras e mercenário e assalariado são lexias esporádica, pois ambas as variantes foram utilizadas uma única vez. Sendo assim, essas lexias são consideradas exceções para nomear a pessoa que é paga para matar alguém.

Com base nessas informações, observamos que o léxico das pessoas mais instruídas, considerando o nível de estudo, para designar *assassino pago* foi mais diversificado pois, com o avanço nos níveis de escolaridade, as pessoas têm acesso a um grande volume de informações por meio de leitura, pesquisas acadêmicas e isso favorece a ampliação do léxico, consequentemente, proporciona uma diversidade lexical mais expressiva.

4.2.3 Fator diagenérico

Carta Linguística 13: Variantes lexicais para *assassino pago* por sexo.



Fonte: Autora

Quanto ao fator diagenérico, nas capitais São Luís (026), Teresina (034), Natal (053), João Pessoa (061), Maceió (077), Aracajú (079) e Salvador (093) predominou a ocorrência das variantes *assassino* e *assassino de aluguel.* Contudo, em Fortaleza (041) e em Recife (070) essas variantes não foram identificadas no léxico dos informantes.

Entre os informantes do sexo masculino, a lexia *assassino de aluguel* atingiu um índice de 100% de ocorrência em São Luís (026), Natal (053) e em Salvador (093). Em João Pessoa (061), os informantes do sexo masculino utilizaram as duas variantes para nomear *assassino pago*, sendo que *assassino* teve 50% de ocorrência e *assassino de aluguel* também 50%. Já em Aracajú (079) e em Maceió (077), a lexia *assassino* alcançou um percentual de 100% de ocorrência

Quanto ao sexo feminino, nas capitais São luís (026), Teresina (034), Natal (053) e João Pessoa (061) a lexia *assassino* obteve 100% de ocorrência de uso entre as informantes mulheres das referidas capitais. Em Maceió (077), as entrevistadas utilizaram as duas lexias para designar *a pessoa que é paga para matar alguém*: *assassino de aluguel* obteve um percentual de 70% e *assassino*, 30%. Em Salvador *assassino* apresentou um percentual de 60% de ocorrência e *assassino de aluguel,*

40%. Ressaltamos que em Teresina (034), só as informantes do sexo feminino utilizaram a variante *assassino* e, em Aracajú (079), só os informantes do sexo masculino utilizaram essa variante.

Considerando o fator diagenérico, concluímos que ambas as designações são utilizadas por mulheres e homens. Porém, entre as mulheres, houve predominância da variante *assassino*, pois nas 07 (sete) capitais analisadas apenas em Aracajú (079) não houve o registro dessa variante por mulheres. Os homens nordestinos também utilizam *assassino*, mas, a variante que predomina no léxico desse público é *assassino de aluguel*.

Diante dos dados obtidos, observamos que por se tratar de um ato que, na grande maioria das vezes, é orientado, executado e vitimado pelo público masculino, os homens costumam utilizar denominações específicas, neste caso, *assassino de aluguel*, para identificar *a pessoa que é paga para matar alguém*, pois buscam compreender com maior riqueza de detalhes o ocorrido. Já entre as informantes do sexo feminino, a pessoa que comete esse crime contra a vida é designado, na maioria das vezes, simplesmente como *assassino*, pois entre as mulheres há uma menor relevância sobre as circunstâncias, motivo e forma como o crime ocorre, sendo assim, a compreensão é basicamente de um caso de assassinato.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, se tornou evidente a importância de pesquisas sobre o léxico do português do Brasil, pois este campo de estudos nos permite descobrir, conhecer e documentar a rica cultura linguística do nosso país.

O estudo apresentado teve o aporte teórico e metológico utilizado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que vem desenvolvendo pesquisas sobre o português brasileiro com o intuito de identificar, descrever e elaborar um Atlas Linguístico que registre a expressiva diversidade lexical do português falado no Brasil.

Nesta investigação, observamos a concentração e distribuição das variantes lexicais usadas para nomear *a pessoa que é paga matar alguém* nas capitais do Nordeste brasileiro por meio do uso de cartas linguísticas que nos possibilitaram ver a dinamicidade do português brasileiro no Nordeste no seu aspecto diatópico (espacial), diagenérico (sexo), diageracional (idade) e escolaridade (fundamental e superior).

Conforme explicitado na análise de dados, de forma geral, constatamos a predominância das lexias *pistoleiro, matador, assassino* e *matador de aluguel* nas capitais dessa região, sendo que os fatores sociais mais relevantes foram, respectivamente, os fatores escolaridade, seguido de idade e sexo. Assim, constatamos que as pessoas com ensino superior apresentaram uma diversidade lexical mais expressiva que as que possuem somente o nível fundamental.

Quanto ao fator diageracional, a lexia *pistoleiro* obteve relevante predominância entre os informantes da faixa etária II (50 a 65 anos) de 08 (oito) das 09 (nove) capitais analisadas, com exceção dos informantes da faixa etária II da capital Maceió (077), chegando a obter um percentual de 100% de ocorrência em 05 (cinco) dessas 09(nove) capitais. Na faixa etária I, foram identificadas várias outras variantes lexicais para *assassino pag*o, com predominância para *matador*.

Dentre os três fatores sociais analisados, o diagenércio (sexo) foi o de menor relevância para a ocorrência das variantes lexicais mais recorrentes no Nordeste brasileiro para designar *a pessoa que é paga para matar alguém*, a saber: *pistoleiro* e *matado*r. Contudo, houve uma tendência maior das informantes do sexo feminino utilizarem o termo *assassino* e os do sexo masculino, *assassino de aluguel,* dada a preocupação maior por parte dos homens em identificar as circunstâncias dos fatos e, com isso, especificar mais o fato.

Com os resultados e análises apresentados, esperamos contribuir para o progresso da elaboração do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), assim como, para suscitar nos estudantes de Letras da UFMA e nos pesquisadores maranhenses, de forma geral, a reflexão sobre a importância da investigação lexical para a compreensão da variedade do português brasileiro e, em especial, para a variedade nordestina desse português.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005.

ALVAR, M. Hacia. Los Conceptos de Lengua, Dialecto y Hablas. **Nueva Revista de Filologia Hispânica**. México, v. 15, jan/jun., p. 57, 1961.

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**: gramática, vocabulário. 4. Ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981 [1920].

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Lexico. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria José Bocorny Finatto. (Org.). **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. 2 ed. Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2001a.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. A. M. A Dialectologia no Brasil: perspectivas. **Revista Delta**, V. 15, nº Especial, 233–255. 1999.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolingüística no Terceiro Milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, Fortaleza, ano 4, n. 2, p. 1-16, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994, p. 37.

COSERIU, E. A geografia Linguística. In: COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Tradução de Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 89.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Biblioteca**. Disponível em: < https://ww2.ibge.gov.br/home/> Acesso em: 20 mai. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Biblioteca**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?biw=1242&bih=597&tbm=isch&sa=1&ei=6QccXevROe665OUP3IOmmAk&q=mapa+regi%C3%A3o+nordeste+s%C3%B3+com+as+capitais+ibge&oq=mapa+regi%C3%A3o+nordeste+s%C3%B3+com+as+capitais+ibge&gs_l=img.3...69744.77523..77837...1.0..0.332.3563.0j16j3j1.....0....1..gws-wiz-img.Zo9iqm9aC4k#imgrc=VEKWrOm7aZtDzM:>. Acesso em: 21 mai. 2019.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em Tempo e Espaço: a quest. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Claudio Alves de. (Orgs) **História, região e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165 a 181.

MIAZZI, M.L.F. **Introdução à Linguística Românica**. São Paulo: Cultrix,1976.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma Nova Divisão dos Estudos Dialetais Brasileiros. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Documentos 2:** Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 21

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma Nova Divisão dos Estudos Dialetais Brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2:** projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 22.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de. Estudos Lexicais e Socioterminológicos no Estado do Pará. In: CARDOSO, S. M.; MEJRI, S. MOTA, J. (Org.). **Os dicionários**: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011.

REY-DEBOVE, J**. Léxico e Dicionário**. Trad. Clóvis Barleta de Morais. **Alfa,** São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

ROMANO, V. P. **Atlas Geossociolinguístico de Londrina**: um estudo em tempo real e tempo aparente. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Volume 1: 206f. Volume 2: três cartas introdutórias e 71 cartas linguísticas.

ROSSI, Nelson. A Dialetologia. **Revista ALFA**, Marília,1967, p.89-128.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. **Revista ALFA**, Marília, n. 11, 1967, p. 89-116.

SILVA, Maria Emilia Barcellos. Os estudos Dialetológicos e seu Compromisso com o Ensino. In: **Cadernos da Academia Brasileira de Filologia**. v. 02 (n. 01). Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2003, p. 75-93.

VILELA, Mario. **Estudos da Lexicografia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.